

SOCIOLINGUISTIC THEORY, de J. K. CHAMBERS

Por José Carlos Vieira Júnior
Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo/UFES

O Prof. Dr. J.K (Jack) Chambers é professor de Linguística da Universidade de Toronto, Canadá. Seus livros, *Sociolinguistic Theory* (Wiley-Blackwell, 3rd ed. 2009) e *Dialectology* (com P. Trudgill, Cambridge, 2nd ed. 1998) – estão em ampla utilização, como o seu editado *Handbook of Language Variation and Change* (Blackwell 2002). Ele também é o autor de dezenas de artigos relacionados à área.

Podemos cravar a relevância dos textos de Chambers para o desenvolvimento da sociolinguística variacionista citando Labov e Trudgill que escrevem sobre este singular trabalho realizado pelo pesquisador canadense que é o livro *Sociolinguistic Theory* que se encontra em sua terceira edição.

Chambers offers a lucid introduction to the basics issues that relate language and society, and leads the reader directly to the quantitative data that define the field. At each turn, we benefit from his personal and insightful weighing of the evidence on why we speak the way we do. (William Labov – University of Pennsylvania)¹

Já Trudgill, ao desenvolver o prefácio da primeira edição desse livro, ressalta como professores/pesquisadores e alunos devem encarar a obra.

Although very accessible to beginning students, this book is no simple, uncritical rehearsal of the work of others. Professor Chambers is himself one of the foremost scholars in the world in the field of variation studies, and, in addition to considerable amounts of data from his own studies, he provides here highly original and insightful interpretations, suggestions, and proposals that all interested researchers will be concerned to take note of. (Peter Trudgill *in* Chambers, 2002)²

¹ - Chambers oferece uma introdução lúcida às questões básicas que se relacionam à língua de uma sociedade, e leva o leitor diretamente para os dados quantitativos que definem o campo. Cada vez mais, nós nos beneficiamos de sua pessoal e perspicaz valorização das evidências do porquê falamos da maneira que falamos. (William Labov – University of Pennsylvania) - tradução nossa.

² - Embora muito acessível para alunos iniciantes, este livro não é um simples ensaio acrítico do trabalho de outros. Professor Chambers é ele mesmo um dos maiores estudiosos do mundo no campo dos estudos de variação, e, além de uma quantidade considerável de dados de seus próprios estudos, ele fornece aqui

Por ser um trabalho introdutório, é possível perceber a preocupação de trilhar os caminhos que foram percorridos pelos estudos da língua na sociedade antes mesmo do nome sociolinguística ser cunhado, em 1964, no congresso organizado por Willian Bright, na Universidade da Califórnia. O autor passa por pesquisadores como Sapir e Fisher, preparando o terreno para o modelo proposto por Labov.

Como todo bom trabalho referente à Sociolinguística Variacionista, esse é recheado de dados, gráficos e tabelas minuciosas de diversas pesquisas do próprio autor, como também de outros grandes pesquisadores. Mas o que seriam dos dados, dos gráficos e das tabelas sem a análise criteriosa de um exímio pesquisador, e é nesse ponto que o trabalho ganha destaque, pois, de maneira crítica, Chambers constrói uma argumentação que transforma os dados frios em análises ‘quentes’, cheias de significado e importância para entendermos os mecanismos que envolvem a variação em um determinado contexto social.

Outro ponto que merece destaque na obra desse grande pesquisador é a ampliação da discussão dos fatores sociais como Classe Social, pela qual é relatada a grande dificuldade de se enquadrar os sujeitos da pesquisa nas classes por questões meramente monetárias. A distinção entre Sexo e Gênero em que um é apresentado como de caráter biológico e o outro de caráter social, entre outros pontos.

Sobre sua estrutura, o trabalho está dividido em cinco (05) grandes capítulos que, por sua vez, estão subdivididos em diversos tópicos. Os capítulos estão dispostos da seguinte maneira:

- 1. Correlations;
- 2. Class, Network, and Mobility;
- 3. Expressing Sex and Gender;
- 4. Accents in Time;
- 5. Adaptive Significance of Language Variation

O autor introduz o capítulo um (*Correlations*) com uma citação de Sapir (1929) que fala sobre as regularidades da língua e define linguagem como, primeiramente, um produto social e cultural e que ela deve ser entendida dessa maneira.

Chambers fala sobre as pesquisas desenvolvidas nos últimos anos sobre variação linguística e define que seu propósito com o livro é fazer uma síntese crítica das pesquisas desenvolvidas independente do tamanho e diz, também, que a variação da linguagem é só um aspecto da disciplina de sociolinguística.

Ele afirma que a sociolinguística, como o estudo dos usos sociais da língua, engloba diversas possibilidades de questionamento e que seria difícil para algumas pessoas entenderem que uma rápida conversa telefônica poderia ser um interessante objeto de estudo de uma pesquisa séria. Caracterizando o domínio da sociolinguística, são apresentadas algumas observações que influenciam na análise, como: características pessoais, estilo, características sociais, fatores socioculturais e fatores sociológicos; nesse ponto são feitas as distinções entre sociolinguística e sociologia da linguagem.

Em seguida, o pesquisador introduz o conceito da ‘Variável como unidade estrutural’ que aborda a variação como um sistema coeso e estruturado, e não como algo aleatório e desestruturado. Apresenta os precursores dos estudos sociolinguísticos até Labov e sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês na cidade de Nova York, retomando dados, gráficos e tabelas referentes à pesquisa.

O autor encerra o capítulo abordando a variação e a tradição da categoricidade (*variation and the tradition of categoricity*). Discute a importância dos estudos de Saussure e Chomsky para a estruturação da linguística e como Labov incorporou a teoria linguística à variação linguística, demonstrando que esta apresentava uma estrutura ordenada e interessante.

O capítulo dois (*Class, Network, and Mobility*) aborda os tópicos: classe social, redes e mobilidade. O professor introduz esse capítulo afirmando que pessoas com mais ou menos recursos e privilégios que outras pessoas, não são, necessariamente, imbuídas de maior ou menor inteligência, força ou competência. Retrata a divisão social do trabalho (*blue collar* e *white collar*) e que a ocupação deve ser considerada na classificação de um indivíduo dentro de uma classe. A questão da mobilidade é um ponto muito importante para Chambers ao afirmar que esta é uma variável com poder nivelador dentro da comunidade linguística. Ele diz que

Although mobility has seldom been studied directly as an independent variable in sociolinguistics, dialectologists have long been aware of its power as a dialect leveler. It has the force of natural linguistic law: *mobility causes people to speak and sound more like people from other places*. In

dialectology it was the corollary of this law that was enshrined: *isolation causes people to speak and sound less like people from other places.* (CHAMBERS, 2003, p.73)³

Por fim, o tópico redes sociais (*network*) é apresentado e estruturado levando em conta os primeiros estudos do gênero, com Lesley Milroy (1980), retomando os dados levantados por Labov em Martha's Vineyard (1963) e outros estudos de redes que obtiveram sucesso em suas análises. Em seguida, é nos apresentado o cruzamento da variável *network* com outras variáveis como: classe social, idade e sexo que é o tema discutido no próximo capítulo.

O capítulo três (*Expressing Sex and Gender*) aborda as diferenças existentes na fala de homens e mulheres em uma comunidade linguística. Chambers concorda com Wolfram e Labov, ao fazer uma citação afirmando que as mulheres são mais sensíveis às características linguísticas sujeitas a julgamentos e preferem a norma culta e são mais conscientes de sua fala e de sua atitude a respeito da linguagem. As mulheres, segundo o autor, são mais preocupadas sobre como serão vistas no meio social por causa de sua fala. Basicamente, o ponto de discussão do capítulo envolve sexo, gênero e propõe discutir se as diferenças são uma questão biológica ou sociológica.

O capítulo quatro (*Accents in Time*) fala sobre os indicadores de idade ao longo de nossas vidas e alguns indicadores linguísticos que os acompanham - especialmente a frequência vocal e a influência da família e dos amigos nos primeiros estágios da vida. Serão discutidas três idades cruciais do ponto de vista sociolinguístico, geral e especificamente: o reforço de normas na adolescência; a conformidade da fala ao estilo de vida no começo da idade adulta; mudanças relativas à idade; estudos baseados em tempo real e tempo aparente.

No quinto e último capítulo (*Adaptive Significance of Language Variation*), Chambers lança algumas questões complicadas que permeiam a sociolinguística desde o seu início.

- Por que a variação linguística existe afinal? Qual é a sua importância adaptativa para os seres humanos?

³ - Embora a mobilidade tenha sido estudada mais diretamente como uma variável independente na sociolinguística, dialetologistas têm grande consciência do poder como nivelador dialetal. Isso tem a força de uma lei natural da linguística: *mobilidade faz com que as pessoas falem e pronunciem como as pessoas de outros lugares.* Na dialetologia a lei era: *isolamento faz com que as pessoas falem e pronunciem menos como as pessoas de outros lugares.* (Chambers, 2003, p.73) – tradução nossa.

- Há uma função adaptativa à diversidade linguística? (Questionamento levantado por Labov)

O professor explicita que Labov acreditava que a função adaptativa dos dialetos humanos provavelmente era biológica e, portanto, a resposta algum dia apareceria em uma pesquisa biológica. O autor ainda discorre sobre a *The Babelian hypothesis* na explicação para sentimento de homogeneidade linguística e a atração para uma fala padrão dos seres humanos, passando desde avaliações de professores baseados no uso da fala padrão até mesmo entrevistas e processos de seleção de empresas. Ele ainda apresenta estudos sobre os dialetos padrão e não padrão do inglês vernacular.

Por fim, conclui a obra discorrendo sobre variação linguística e identidade social, retomando os conceitos teóricos desenvolvidos nos capítulos anteriores e afirmando que

Quanto mais estudamos o valor social da linguagem, mais claramente vemos como os valores agregados a ela são arbitrários. A hipótese Babeliana é verdadeira, a variação linguística é, sem dúvida, contra-adaptativa. Em poucos segundos de conversa pode-se extrair ao menos uma variante estigmatizada. A única força que pode eliminar as diferenças dialetais em uma comunidade é a mobilidade. Todas as regras impostas e tentativas de isolamento são frustradas e trazem vergonha, insegurança e ignorância. Em alguns casos, as pressões trazem até culpa.

Finalmente, esperamos que dentro de pouco tempo a sociolinguística tenha sido difundida, para que se entenda o valor social da linguagem. Apenas começamos a entender como – e por que – a linguagem tem esse papel. São vários os desafios. Este estudo é apenas uma fração de uma rede que talvez nunca entendamos perfeitamente, mas ao menos já começamos. (CHAMBERS, 2003, p.)

Sociolinguistic Theory é uma obra que traz um olhar apurado sobre as questões que envolvem uma análise e compreensão sociolinguística. O autor põe à disposição do leitor as pesquisas variacionistas mais relevantes das últimas décadas traçando um percurso metodológico por meio das releituras dos dados. Esse trabalho faz dela referência nos estudos dos fenômenos da variação e mudança linguística.

REFERÊNCIAS

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory*. 2nd. Edition. Oxford, Cambridge: Blackwell, 2003. 320 páginas.